D. Filipa de Vilhena
de Almeida Garrett

FILIPA DE VILHENA

O mais famoso e popular episódio da revolução de 1640, que elevou ao trono a sereníssima casa de Bragança, deu argumento a esta comédia que muitos caracterizaram de *drama* no sentido estrito e singular que actualmente a este nome se dá, mas que é uma verdadeira comédia histórica, tanto ou mais que o célebre *Pinto* de Mr. Lemercier.

A condessa de Atouguia, D. Filipa de Vilhena, armando seus dois filhos para a revolução, é o histórico e é o principal; tudo o mais acessórios. Não se quis pintar a acção exterior de uma revolução, como em tantas composições modernas, nem todo o seu movimento interno, como no citado *Pinto* e em muitas outras. É uma cena tão somente, um *aparte* desse grande drama.

Foi um improviso esta comédia, e a sua história é quase como a de CATÃO; ia-se compondo e ensaiando, acabou-se e representou-se.

Tratava-se de fazer aparecer em público os pobres alunos do Conservatório, e fora escolhido o dia do nome de S. M., seu presidente e protector, que se queria festejar. Todas as escolas organizaram os seus exercícios com composições originais e feitas expressamente para a ocasião por sócios ou professores do estabelecimento. Faltava a escola de declamação, e quis-se-lhe acudir para que não ficasse atrás das outras. Tomou o autor este assunto pela sua beleza e conveniência, riscou o traçado geral, colocou as figuras, esboçou as primeiras cenas e deu-o aos professores da escola para arranjarem o resto.

O peso dos trabalhos sérios que então lhe carregavam e a urgência do tempo fizeram adoptar esse expediente cujas imperfeições ele bem antevia; mas não tinha outro. Com efeito o seu pensamento, mal explicado e à pressa, não podia ser bem compreendido nem o foi.

Obrigado a trabalhar numa ideia não sua nem fácil, para um estrangeiro especialmente, o director da escola mereceu muito louvor pala dedicação e zelo com que se sujeitou a fazer tal. Mas o autor teve de refazer todo o trabalho que lhe trouxeram, deixando apenas alguma coisa dele no segundo acto por ser o mais aproveitável.

Assim se representou e anonimamente a comédia; mas agora que se resolve a deixá-la imprimir com o seu nome, tudo foi refundido de novo, e não ficou nada de mão alheia.

Assistiram a esta representação SS. MM. Fidelíssimas e Imperial, o Príncipe herdeiro e hoje reinante de Saxónia-Coburgo-Gota, o corpo diplomático, toda a corte e um público escolhidíssimo. A peça obteve muito aplauso na representação, e a imprensa lhe não fez menos favor.

Eis aqui o juízo que dela dá um jornal literário do tempo. Escolhe-se este entre vários, por ser o que mais visivelmente foi escrito sob as primeiras impressões do momento.

«O drama, ou comédia histórica em três actos, segundo com mais exacção se intitula, foi expressamente composto para esta ocasião, e verdadeiramente original e português no assunto, nos caracteres, nos costumes, no sabor da linguagem e no estilo.

«O enredo é simples e fácil. – Terminava o ano de 1640, e acabava-se aos Portugueses a paciência velha de sessenta anos com que tinham sofrido o jugo castelhano. Os tumultos de Évora e de Braga já não podiam deixar no engano o governo intruso, e assaz lhe diziam o estado da opinião pública. Todos tinham os olhos no duque de Bragança. Ordens repetidas de Madrid o mandam ir àquela corte. Se vai, todas as esperanças dos Portugueses estão perdidas. É necessário que a revolução rebente, e que Portugal proclame, alto e forte, a sua liberdade e os seus reis legítimos.

«Neste estado de coisas começa a primeira cena da comédia. Estamos em casa de um certo Rui Gaivão, nobre português degenerado, que sordidamente se vendeu ao partido castelhano, vil satélite de Miguel de Vasconcelos, o secretario da duquesa regente.

«Ao levantar o pano aparece-nos um mordomo velho da casa, bom português de têmpera antiga que, ocupado de seus afazeres domésticos, vai resmungando, como em sua idade e carácter é natural, sobre o que vai por aquela casa e pelo reino. Chama-se ele o Sr. Custódio Pores, é rabugento e *frondeur,* não pode já aturar aquela casa, e só ali pára porque a verdadeira dona dela é a sua querida D. Leonor que ele criou de pequena, e cujo pai, honrado fidalgo português, *estalara* de pena de se ver escravo, mas que não imaginando que tanto pudesse corromper-se o nobre sangue de seu irmão, à hora da morte o instituíra tutor desta sua filha, herdeira riquíssima e única de sua poderosa casa. O tutor porém delapidou a herança, e para não dar contas, fez-se exaltado do partido dominador, trata o casamento da sobrinha com um tal Correia, irmão do secretário Miguel de Vasconcelos, e obtém de Madrid um aviso real que o absolve de toda a responsabilidade e lhe dá por boas e lídimas suas contas como *de* seus *leais sentimentos se esperava.*

«De tudo isto, e do estado do reino, e de como vão as coisas de casa de D. Leonor, e dos dois partidos que estão em presença em Portugal, nos informa mui natural e circunstanciada, posto que rapidamente, a viva e animada exposição do velho mordomo e de um seu jovem amigo, que logo entra, o primo de Leonor, o amigo de sua infância, o esposo que seu pai lhe destinara do berço, a quem ela ama, e que está desesperado com o atroz projecto do tutor.

«É este mancebo D. Jerónimo de Ataíde, o filho mais velho da célebre condessa de Atouguia, D. Filipa de Vilhena, que, por um espirito e coração muito superiores à sua tenra idade, foi admitido às conferências dos generosos conspiradores de 1640, trata e vive com João Pinto Ribeiro, mas no meio de tudo isso é uma criança, esquece-se às vezes do suplemento de idade que lhe deram, e doido de amores e de ciúmes, está a ponto, em várias ocasiões, de perder tudo com a ideia de salvar a sua Leonor.

«Já ides ver esta prima Leonor por quem tanto se revolve aqui tudo. Ela que entra, e com seu espírito, seu juízo, seu entusiasmo de amor pátrio, justifica todos os sentimentos que inspirou.

«Num galantíssimo diálogo com o primo, acaba de nos informar cabalmente do estado das coisas; e pode-se dizer exposta a acção, quando o mordomo velho, que tem estado de vigia enquanto os primos conversam, acode assustado bradando-lhes que se retirem porque o velho acordou. Eram horas da sesta, Rui Galvão dormia no clássico repouso peninsular da sua meridiana, enquanto estas coisas se passavam na antessala ou salão grande do palácio.

«D. Jerónimo de Ataíde vai-se às últimas conferências da conspiração... porque nós estamos em 30 de Novembro de 1640... D. Leonor retira-se à sua câmara, e tudo isto à pressa, porque já se ouve tossir o tutor. Ei-lo ai vem... fica só Custódio para proteger a retirada dos dois amantes quase surpreendidos.

«Rui Galvão é um tipo do seu género. Sem paixão nem entusiasmo político,

partidário por interesse, mais vicioso do que criminoso, é um verdadeiro e *feliz* carácter de comédia política. Nele estão personalizados os vis portugueses daquela época, na qual, como em todas,

Alguns traidores houve algumas vezes.

«A cena entre Galvão, que suspeita vagamente as inteligências da sobrinha com o mordomo, e este que, sem as confessar, lhe vai dizendo, a seu modo, verdades duras e como quem já se não pode conter, – é cheia de naturalidade, e tem um colorido local, um sabor aos costumes da época, certamente notável e pouco visto nas nossas composições dramáticas.

«A segurança com que, na véspera de sua total ruína, este representante do partido dominidor escarnece das que ele chama miseráveis tentativas duns poucos de *fidalgos pobretões e de quatro taberneiros de Lisboa, é* característica, e denuncia, no quadro, as pinceladas de quem conhece os homens e o mundo, sem o que se não podem fazer comédias nem dramas, nem coisa nenhuma talvez.

«Galvão tem resolvido casar naquela noite mesma a sobrinha, e manda fazer todos os preparativos; quando a chegada de um destes parasitas que entram em toda a parte, o vem confirmar ainda mais em seus projectos.

«Um tal Barnabé Fulgêncio, «homem que merenda sempre seja a que hora for» segundo o descreve o nosso amigo Custódio Peres, vem fazer a sua visita a Rui Galvão que lhe puxa pela língua, e com alguns copos de vinho, o põe em estado de dizer quanto sabe. Não é muito, mas basta para dar pretexto ao mau tio de vexar a inocente sobrinha e despedir o obnóxio mordomo.

«Isso se faz. Leonor, ofendida das suspeitas indignas do tio, diz-lhe toda a sua alma, protesta que não aceitará o esposo que lhe querem dar por força. Galvão está forte com o seu decreto real assinado *Yo el Rey,* e parte com o noivo para acabar de dispor tudo com o seu protector, o renegado Miguel de Vasconcelos.

«Mas enquanto isto se passa em casa do Galvão, os conspiradores não dormem. O sacrifício de Leonor está decretado para aquela noite; e para aquela noite também está preparado, pelos libertadores da pátria, o dos seus algozes comuns.

«No segundo acto, achamo-nos em casa da condessa de Atouguia, D. Filipa de Vilhena. É alta noite, e a desvelada mãe está à espera de seus filhos, que foram a casa dos Almadas à última conferência dos conjurados. Resolvida ao sacrifício, ela vai expor a vida dos filhos... mas a boa portuguesa também é mãe: estremece-lhe o coração, e não pode conter as lágrimas involuntárias que a imensidade daquele grande sacrifício lhe arranca do peito.

«Os filhos chegam, a reunião de amigos e parentes junta-se, D. Filipa no meio da vasta sala do dossel do antigo palácio dos Atouguias, com a espada de seu marido na mão, invocando a memória de seus antepassados, chamando pelo nome do Salvador, cujo auxilio implora, D. Filipa, verdadeira heroína portuguesa dos tempos antigos, exclama com voz solene: «Meus filhos, vossos avós foram armados cavaleiros nos campos de batalha, por braços de reis, com as espadas de grandes capitães. A vós, criancinhas, é vossa mãe que ainda ontem vos acalentava, vossa mãe que lhe treme o braço, que lhe rebenta o choro dos olhos, que aqui está sustida de uma força sobrenatural que ela mesma não compreende... Arma-vos vossa mãe, filhos; e sereis tão bons cavaleiros como os que vos precederam... porque eu tenho fé, porque chamo por Deus e vos digo! D. Jerónimo de Ataíde, D. Francisco Coutinho, em nome de Deus e de vossos avós, eu vos armo cavaleiros. Tomai esta espada e não vos sirvais dela senão para defender a religião, a pátria, a liberdade do povo e os vossos legítimos reis!»

«E por milagre de patriotismo, e de amor maternal, as duas criancinhas se levantam homens feitos e cavaleiros.

«Esta aurora traz liberdade, «meus amigos» – brada D. Jerónimo – «corramos a encontrá-la!» – E partem todos. E neste entusiasmo, e com os corações dos espectadores sobressaltados todos de quanto há nobre, grande e belo nas sensações e pensamentos do homem, caí o pano no fim do segundo acto.

«Voltamos, no terceiro, a casa do traidor Galvão e de sua generosa sobrinha D. Leonor, que estamos quase certos de ir ver sacrificar em um matrimónio aborrecido e odioso. Daqui a duas, três horas, será salva a pátria... e ela, ela que tanto tem chamado com seus votos, com sua influência, com tudo quanto pode e vale, por esse dia de glória – e é muito o que pode e vale uma conspiradora moça e formosa – ela será condenada a ver ralar essa bela aurora nos prantos e na infâmia!

«Daqui, desta artificiosa suspensão que o autor habilmente colocou entre o segundo e o terceiro acto, como de *rémora* à catástrofe, daqui, dizemos, o interesse do último acto, que aliás o não poderia excitar, porque todos contamos com o desenlace feliz da *parte política* do enredo, que de todos é sabida.

«Em casa de Galvão, agora, vemos o partido contrário, gente de Castela. Está-se nos últimos brindes de uma ceia esplêndida: dali para a capela. Pobre Leonor! – É inútil resistir, clamar, apelar para a piedade daqueles homens sem coração. Vão casá-la... Um recado do paço, que a toda a pressa chama Galvão e os seus amigos ao gabinete de Miguel de Vasconcelos, suspende a cerimónia. Que será? Partem todos tremendo. Leonor tem um momento de respirar. Deixam-lhe por guarda o parasita do primeiro acto – o Barnabé que está quase cego e surdo de embriaguez, e que parte não vê, parte não quer ver o que se passa. Custódio aproveita este momento, para vir confortar a sua querida ama e trazer-lhe a salvação. A salvação é o primo, é D. Jerónimo em pessoa que a vem buscar para casa de sua mãe para a pôr em recato.

«Escapará a pobre Leonor: ainda bem!... Mas que ruído é este? vem gente. Tristes de nós! É o tio que volta. Já não é possível: Leonor está perdida, e D. Jerónimo de Ataíde nem sequer poderá morrer combatendo nobremente no meio das ruas de Lisboa pela liberdade da pátria. Ai morrerá assassinado pelos rufiões de Rui Galvão. Já se ouvem rebates de sinos, tiros de mosquetaria. «Foge, D. Jerónimo» (lhe brada Custódio que conhece os cantos da casa), «foge por aquela escada particular que dá não sei em que beco, foge e vai com essa espada para onde há glória que ganhar».

«D. Jerónimo, que ouve o sinal da revolução, cede do desejo de castigar o traidor que em sua cólera de amante ali - queria partir de meio a meio, e vai para a grande acção.

Rui está como tocado do raio. Que é isto? Que audácia a desta gente? – Mas a todo o instante agora chegam noticias de toda a parte. Os sinos redobram, o canhão troa, os brados do povo vão-se aproximando. *Viva D. João IV, viva a* nossa *liberdade!* ressoa de toda a parte. Portugal é Portugal outra vez.

«A condessa de Atouguia, Custódio, todos vêm acudindo a celebrar e informar do que vai. Está salva a pátria, está salva Leonor, Rui fica como morto; até o parasita Barnabé o vem insultar em sua desgraça, e dar-lhe o coice do asno, enquanto de fora o povo brada: *Morra* o *traidor Galvão!*

«Acodem-lhe os generosos vencedores: D. Filipa suspende as iras populares, e D. Jerónimo dá asilo aos vencidos.

«Triunfante, cheio de glória, chega D. Jerónimo, que é para nós, os espectadores do drama, o representante de todos os heróis da restauração. Nesta *concentração* eminentemente dramática, que nos faz assistir a todo o movimento de uma revolução, sem a vermos, seguramente está o principal mérito do drama. Batalhas, revoluções e

coisas semelhantes só assim devem vir ao teatro.

«É felicíssimo o pensamento com que a peça conclui. D. Jerónimo abraçado com sua mãe e com sua esposa ouve as aclamações do povo que da rua o vitoreia e saúda: «Viva D. Jerónimo de Ataíde!» dizem eles. – «Viva a pátria, meus amigos» lhes responde o mancebo chegando à janela «viva a liberdade! Viva a casa de Bragança que nos restitui a santa monarquia de Ourique, em que o povo sempre há-de amar os seus reis, porque os seus reis sempre hão-de amar a liberdade!»

«Não é fácil descrever a explosão de aplausos e entusiásticos bravos com que foi acolhido este final do drama; nem seria possível tão pouco dizer a parte que o autor ou os actores da peça poderão tomar deles para si. Vibravam todas as cordas sonoras do coração português em confusa melodia; não se extremavam sons. Contentem-se o poeta e os seus artistas de saberem que assim o fizeram; e não é pouca satisfação.

«O drama é pois uma verdadeira comédia histórica; no pequeno ponto episódico de grande quadro da revolução de 1640 em que o autor se colocou, faz reflectir toda a acção, todo o movimento dela. Mais feliz nesta parte, segundo nossa opinião, do que Mr. Lemercier no seu *Pinto* sem arriscar os grandes caracteres conhecidos da história, nas feituras de sua imaginação recopilou todos, e no-los deu concentrados em tipos de grande naturalidade. Nota-se a arte com que nos preparou para fazer de D. Jerónimo de. Ataíde, que é uma criança, um mancebo capaz de tamanhas empresas. Tem o defeito, *absolutamente falando,* de ser pequena a comédia; apenas são esboçados os caracteres; mas vê-se que foi feita para um *estudo de alunos*, e não para uma representação de actores consumados. Desenvolvida nos seus cinco actos naturais, deve ficar muito melhor e mais completa.

«Continua a ser segredo o nome do autor. Não ousaremos nós revelá-lo. Só repetiremos que não é de pessoa estranha ao Conservatório. Quem quer que é, sabe a língua, os costumes e os modos da sua terra e da época que tratou.

«Não tem *maldições,* nem *infernos,* nem *ferros em brasa,* comove sem berros, excita sem gritarias, faz rir sem obscenidades, indigna sem torpeza: *La mère en permettra la lecture à se fille.* Nesta parte não duvidamos dá-la por modelo aos nossos jovens escritores dramáticos. E clássica esta peça? Não sabemos; tem coisas disso. E romântica? A espaços nos parece ter veemência de acção e de dicção que o não cede aos mais atrevidos da escola.

«Quem sabe se o autor será *ordeiro* entre os dois partidos literários? Goëthe, que fora um romântico exaltado, morreu abraçado com a *fé ordeira:* deve de ser boa religião literária.

«Da execução pouco diremos. Todos os alunos, sem excepção, mostraram capacidade e estudo, em graus diversos porém, e com imperfeições diversas, que todos tinham as suas; nem outra coisa era possível na mais *difícil de todas* as *artes.*

«Não há arte mais difícil, tornamos a dizê-lo, nem a da música. Os Roscios, as Clairons, os Talmas, as Mars, os Keans, as Sydons, contam-se um a um por meios séculos. Por cada cem artistas distintos nas outras artes, aparece um na dramática, se tanto. Assim como nas mais ricas literaturas são poucos os autores dramáticos de primeira ordem, também o são os actores. E em Portugal, que não tem ainda um *reportório* nacional para o seu teatro, é mais difícil ainda o fazer actores. Onde estão os modelos, onde estão os papéis das comédias, das tragédias, dos dramas em que hajam de fundir *plasticamente* o rosto, os modos, os hábitos do actor? Cuidam que o hão-de conseguir jamais com traduções, que por óptimas que sejam, sempre terão de ser péssimas, por que as não pensou um português com ideias portuguesas, para actores portugueses, com estilo, cor, naturalidade, tom e sabor que o artista compreenda bem, e o público sinta e se veja viver nelas?

«Enganam-se. Os actores formam os espectadores, e os espectadores aqueles: mas não o fazem uns nem outros sem dramas seus de ambos: uma coisa traduzida nunca é sua. Por mais bem lavradas que sejam as cartas de naturalização, não nasceu cá; pode ter a *protecção* das leis civis (por me servir de uma comparação que não é despropositada), os *foros todos políticos* do teatro, não.

«Como alunos pois, e calculadas ainda a esmo as pasmosas dificuldades que venceram, os da escola de declamação do Conservatório fizeram prodígios e dão largas esperanças.

«Apoio e suas bem-aventuradas irmãs os livrem do mau olhado de exaltada e furiosa bruxa romântica, que à força de *maldições,* de *infernos,* de *diabos,* de gritarias abomináveis, os façam cair nesse monótono salmear de blasfémias e impropérios que nos vêm cá dizer que é moda em Paris, quando tal não é, quando todo o mundo escarnece o mau gosto da gente bruta que ainda vai ao teatro de *Porte-S.t-Martin* assistir a esses espectáculos de canibais. Vamos nós antes aos toiros, que é mais nobre e mais português passatempo, ainda que não muito civilizado, do que a essas orgias em que não se sabe qual é mais grosseiramente violada se a inteligência ou a moralidade.»

D. Filipa de Vilhena

COMÉDIA

Representada, a primeira vez, no Teatro do Salitre,
pelos alunos do Conservatório Real de Lisboa,
em trinta de Maio de MDCCCXL

PESSOAS

DONA FILIPA DE VILHENA
DOM JERÓNIMO DE ATAÍDE
DONA LEONOR
RUI GALVÃO
LUÍS CORREIA
CUSTÓDIO PERES
BARNABÉ FULGÊNCIO
FREI JOÃO DE LAS ALPUJARRAS
DOM FRANCISCO COUTINHO
TABELIÃO

DAMAS, FIDALGOS, POVO, SOLDADOS, PAJENS E CRIADOS

Lugar da cena – Lisboa

ACTO PRIMEIRO

Saldo antigo com reposteiros, em casa de Rui Galvão. Duas portas, uma a *cada lado da cena, outra no fundo; duas janelas.*

CENA I

Custódio só, *depois* D. Jerónimo

CUSTÓDIO, *arrumando alguns trastes,* e *falando por intervalos Consigo:*

Boa casa está esta! Já me não serve, não paro aqui muito tempo. Ai casa, casa! quem te conheceu em vida de meu amo! Quem te viu e quem te vê, casa! E quem te viu e quem te vê, reino de Portugal, que tão reino és tu, como isto *é*- casa! Cachorros de castelhanos! E mais perros estes portugueses sem vergonha que se lhes venderam, que... *(Batem devagar à porta de fora)* Quem bate agora ai? – *(Falando Consigo)* Temos algum seca! *(Para a porta)* Espere. *(Falando consigo)* Algum destes leva-e-traz, que aqui andam sempre com mexericos ao tio da menina. Já se sabe: «Fulano disse mal da duquesa. Beltrano não é afecto ao senhor Miguel de Vasconcelos. Este é traidor por aqui, aquele é conspirador por acolá...» Oh Senhor, prendam o reino todo de uma vez, que é melhor, e ficam descansados. *(Batem)* Aí vai: espere. *(Falando consigo)* Por bom não vens tu, que tanta pressa tens. *(Falando junto da porta)* Meu amo... *(À parte)* Qual amo! Minha ama é a senhora D. Leonor, mas vá: *(Alto outra vez junto da porta)* meu amo está a dormir: ouve? Está descansando, dormindo a sesta. A esta hora não fala a ninguém!

JERÓNIMO, *de fora:*

Bem sei, tanto melhor; por isso mesmo abre, Custódio.

CUSTÓDIO

Abre, Custódio! –Que *é* lá isso? *(Abrindo)* Ai os meus pecados! Que vem fazer aqui, senhor D. Jerónimo? Valha-me Deus! Menino, está doido? Onde se vem meter! Não sabe quem mora nesta casa?

D. JERÓNIMO

Sei muito bem: a minha rica prima D. Leonor.

CUSTÓDIO

Pobre Leonor, coitadinha! Essa é a dona da casa, é, é, pobre menina! e de tudo quanto aqui há, e de mim, e...

D. JERÓNIMO

De ti que és um bom velho e de mim que sou um bom rapaz e de...

CUSTÓDIO

E de tudo, menos da sua liberdade: que aqui quem governa é o tio. E o menino já se esqueceu de quem é o tio?

D. JERÓNIMO

Não esqueci, não, meu Custódio: é o traidor de Rui Galvão, que vendeu a sua alma ao diabo, a sua honra a Castela, e quer vender a sobrinha a...

CUSTÓDIO

Ao excomungado do Luís Correia, sobrinho daquele grande renegado do Miguel de Vasconcelos.

D. JERÓNIMO

Mas a alma está em boas mãos, e os merca-honras que fiquem logrados. – Agora a sobrinha, a filha de teu amo!...

CUSTÓDIO

Ai meu santo amo! Aquele nobre coração de português às direitas, que estalou de se ver escravo! E dizer que este irmão é irmão dele! – Ah senhor D. Jerónimo! Aquilo sempre era um fidalgo. Ele a morrer, e este sujeito cá. Este Judas deste irmãozinho a fingir que chorava; e eu seco, seco, com estes olhos mais mirrados... assim como quem cegou de pasmo... E ele: «Custodio, tu não choras? Não tens saudades de mim!» – Palavras não eram ditas, que nunca mais lhe ouvi outras, desfechei num choro de soluços, que nem eu sei o mais que passou. Mas o irmão prometeu-lhe que havia de ser outro pai para a menina, e ficou por tutor dela. Pobre menina! para lhe estragar a casa, como tem feito... E agora, para não dar contas, vai vender a sobrinha aos Castelhanos... pior, antes a um castelhano honrado, se *é* que os há: pois ele haverá castelhanos honrados, senhor D. Jerónimo?

D. JERÓNIMO

Lá na sua terra é de fé que sim, muitos e muito honrados, meu Custódio; aqui na nossa...

CUSTÓDIO

Aqui na nossa terra são uns ladrões; e mais ladrões os que os ajudam a roubar. Isto é que é falar português direito e que se entende. Sangue de Vilhena e de Ataíde! que este não degenera! *(Abraçando D. Jerónimo).*

D. JERÓNIMO

Não, meu amigo, antes se derrame todo no patíbulo. Olha, Custódio, eu já não sou

criança: não sou, não; sinto que já sou grande, tenho aqui um braço que já pode com a espada de meu avô. E é uma tal espada! Até minha mãe diz que já posso com ela! Vês tu. – Pois, meu Custódio, quero falar à prima. *(Fazendo-lhe meiguices).*

CUSTÓDIO

Que diz, menino! Vá-se, vá-se embora, que já me fez palrar aqui demais. Se ele acorda, o Senhor Rui Galvão, estamos perdidos. Pois a menina! Pobre menina. Fechava-a a pão e água! Não sabe o ódio que ele lhe tem; e à sua família toda. Para ele, ver um Vilhena ou um Ataíde, é ver o seu castigo. Eu, que, por fim de contas, não sou senão o mordomo desta casa, eu mesmo lhe faço sombra e lhe meto medo, porque sou português honrado. Tomara-me ele deitar a perder. Vá-se daqui, menino, vá-se.

D. JERÓNIMO *lograrivo e animando-o:*

Para que estás tu com essas coisas? Se tu por fim hás-de ir tomar conta nele que não acorde, e vigiar enquanto eu falo à prima? Vai fazer a tua sentinela do costume, anda.

CUSTÓDIO

Hoje não senhor, hoje não vou, hoje não pode ser: vá-se embora.

D. JERÓNIMO

Vai dizer à prima, anda.

CUSTÓDIO

Hoje não senhor. Desde os tumultos de Évora, andam danados. De todo o tempo, que nos governam os Filipes, não houve tão ruim tempo ainda nesta pobre terra. Prendem, roubam, matam por um nada. Cá por mim, que me importa? mas a minha rica menina...

CENA II

D. Jerónimo, Custódio, D. Leonor, *entrando pé ante pé e risonha.*

D. LEONOR

A tua rica menina também lhe não importa, nem tem medo. Não sabes de quem sou filha? Põe-te de sentinela a esse reposteiro. *(Indica urna porta interior)* Avisa em pressentindo que acorda meu tio; e não tenhas cuidado. – *(Custódio hesita, mas por fim vai resmungando meter-se detrás do reposteiro).*

D. JERÓNIMO

Não te disse eu que por fim havias de ir fazer a sentinela do costume?

CUSTÓDIO

Deixe-me, menino, deixe-me, que isto alada há-de acabar mal.

D. JERÓNIMO

Querida prima!

D. LEONOR

Primo, esta vida não se pode sofrer!

D. JERÓNIMO

Não, Leonor, não se pode. E eu estou resolvido; mato o Vasconcelos, caso contigo, e aclamámos o nosso rei D. João IV. – Viva o nosso rei D. João IV! Morram os Filipes! Portugal e S. Jorge! Nem! Como se dizia em Aljubarrota. Não é assim, Leonor? –E o tio Rui?... Não, mal não lhe havemos de fazer: mandámo-lo governador para Bissau. Há-de ser um bom governador de Bissau, o tio Rui! Lá que venda os pretos, se quiser; mas não há-de estar aqui a vender os Portugueses... e a vender a minha Leonor ao excomungado do Miguel de Vasconcelos.

D LEONOR

Vendida, e não sei se já paga, primo.

D. JERÓNIMO

Paga o quê?–Faço a revolução já, não espero por mais nada. Vai tudo com a fortuna. – *(Gritando, e atirando com o chapéu)* Viva a nossa liberdade! Morram os Castelhanos! Mata estes ladrões! E Miguel de Vasconcelos primeiro que todos, que me quer tirar a prima Leonor!

CUSTÓDIO, *acudindo:*

Jesus, nome de Jesus! Menino, que acorda o senhor Rui. – Estamos perdidos. E Jesus!

D. LEONOR, *rindo, mas querendo folar sério:*

Primo, tenha juízo. – Ai está o grande conspirador, *o* grande homem de prudência. Olhem João Pinto Ribeiro se ouvisse isto, o que diria! Não o tornava a deixar assistir às conferências, havia de lhe chamar criança, que é o que o menino é, com todas as suas presunções de homem grande. – Oiça, e tenha juízo. O contrato está feito, meu tio vendeu-me!...

D. JERÓNIMO, *interrompendo-a:*

Já não vai para Bissau; *Pedras Negras*... Pedras... outras pedras piores ainda. – Mas não há: para as negras. Para as Pedras Negras: não lhe posso valer.

D. LEONOR

Oiça, e tenha juízo. – Venderam-me, e hoje me querem entregar...

D. JERÓNIMO

Pois antes de hoje, a revolução. Viva!...

D LEONOR

Se diz mais uma palavra, vou-me embora e não lhe digo nada.

D. JERÓNIMO

Não, prima, não: estou calado, prometo, faço tudo *o* que a prima mandar.

D. LEONOR

Olhe o que diz!

D. JERÓNIMO

Pela espada de meu avô!...

D. LEONOR, *zombando:*

Com que o menino não pode.

D. JERÓNIMO, *picado:*

Ora prima, essa!... Tanto posso, que...

D. LEONOR, *alagando-o:*

Pois veremos. Agora vamos ver se ainda é criança, ou se já pode com a espada de seu avô. Escute. Querem que eu assine as escrituras esta noite, e que logo sem mais detença...

D. JERÓNIMO, *perdido:*

E então eu hei-de?...

D. LEONOR, *ameaçando-o:*

Primo!

D. JERÓNIMO, *resignando-se:*

Estou calado.

D. LEONOR

Eu resisto, não cedo, ainda que me matem.

D. JERÓNIMO, *beijando-lhe a mão:*

Querida prima!

D. LEONOR

Vamos! –. Não cedo. Eu tenho só dezoito anos...

D. JERÓNIMO, *com rena e inveja:*

E eu que ainda não tenho senão dezasseis... Sempre é uma vergonha!

D. LEONOR

Tenho só dezoito anos, mas o sangue de meu pai há-de suprir a idade. Não cedo, D. Jerónimo. Que me metam num convento... vou com muito gosto. Que me confisquem a casa... que me importa! Fico pobre...

D. JERÓNIMO, *como quem descobriu coisa que o salva:*

É verdade, façamos esse contrato com eles. O Correia que leve a casa, e eu fico com a prima.

D. LEONOR

Ai vai o requinte da tirania: querem o sacrifício completo, e corar com aparências honestas a sua infâmia. Mas eles sabem que o nosso amor, que nasceu quase no berço, que nos braços de meu pai nos ajuntou desde a infância, que é parte da nossa vida, da nossa fé, que é tudo para nós... eles bem sabem que este amor *é* o principal obstáculo á execução dos indignos projectos que sobre mim e sobre a casa de meu pai têm feito. Por isso tenho mais cuidados pelo primo do que por mim mesma.

D. JERÓNIMO

Deixe-os, deixe-os: que venham, eu lhes direi.

D. LEONOR

Eu lhes direi o quê? Prendem-no, metem-no numa torre, mandam-no para Madrid. – Não vê o que eles têm feito a outros, não vê o que querem fazer ao duque de Bragança?

D. JERÓNIMO

Ao duque de Bragança! Pois sim! Se a prima soubesse...

D. LEONOR

Sei, sim senhor. – Não há-de ir: está resolvido, bem sei; e havemos de apressar a

revolução por causa disso.

D. JERÓNIMO

Então sabe?

D. LEONOR

Sei tudo! – E sei mais. *(Fala-lhe em segredo)* – Vá o menino, vá já, já, dizer a João Pinto Ribeiro que os nossos inimigos ainda estão crentes em que o Duque parte; que estão descuidados e que este é o momento. – Vá, vá, não perca tempo.

D. JERÓNIMO

E o casamento, e a prima?

D. LEONOR

Vá. A mim eu me defenderei. – E oiça: antes do romper de alva venha ao jardim; Custódio lhe abrirá a porta... e então lhe direi o mais.

D. JERÓNIMO

Oh prima, prima do coração, hoje não fica um castelhano vivo.

D. LEONOR

Vá-se! E torno-lhe a dizer: tenha juízo. Lembre-se do que me tem prometido, do que me prometeu e a sua mãe, e do que o espera esta noite.

D. JERÓNIMO

Esta noite?... Ah! é verdade. Oh! é esta noite que minha mãe prometeu de me entregar a espada de meu pai. Adeus, adeus, rica prima! – E olhe, prima, se eu... se eu morrer...

D. LEONOR, *sorrindo:*

Tem medo?

D. JERÓNIMO, *picado:*

Medo, eu! Pois para lhe mostrar se tenho medo, só por amor disso hei-de morrer, hei-de fazer com que me matem. Veremos então o que a prima diz.

D. LEONOR

Criança! Venha cá, tenha juízo. *(Dá-lhe a mão que ele beija).*

CUSTÓDIO, *saindo detrás do reposteiro, assustado:*

Fora, fora, já, já, que acordou o bucentauro.

D. JERÓNIMO

O bucentauro é um navio, Custódio; queres dizer o minotauro.

CUSTÓDIO

Bucentauro ou minotauro, acordou. Safa, safa!

D. JERÓNIMO

Prima!

D. LEONOR

Adeus! prudência e firmeza.

D. JERÓNIMO

Até... até à morte!

CUSTÓDIO

Para a sua câmara, senhora, para a sua câmara, que ele aí vem. Já, já...

CENA III

Custódio, Em Galvão

RUI GALVÃO, *chambre de Primavera* [1]*, barrete de folhos na cabeça, espreguiçando-se:*

La niña ballava, y el viejo tañia... Estava a bela infanta no seu jardim sentada e o meu D. Mordomo contando-lhe histórias da carochinha. As lamúrias do costume! Cuida que eu não ouvi, senhor Custódio?

CUSTÓDIO, *a parte:*

Não ouviste, não: aviados estávamos se ouvisses!

RUI GALVÃO

Cuidam que me embaçam a mim... a mim, raposa velha! *Dame la mano, gitana.* Sou seu criado, senhor D. Custódio, e da minha nobre sobrinha, a senhora D. Leonor, que é uma rapariga de esperanças! – Ora, com que estavam aqui, enquanto o pobre

[1] Estofo antigo de seda de ramagens, com este nome.

velho dormia, a bela pupila e o fiel escudeiro praguejando o negregado tutor, e carpindo a sua triste vida... Conspirando o seu pouco também? Não é assim?

CUSTÓDIO, à *parte:*

Mal sabes tu que é verdade.

RUI GALVÃO

Diga, homem, diga: eu sou de segredo... e patriota deveras. Há-de levar a breca estes Castelhanos, que hão-de vir os levantados de Évora por aí fora e talvez el-rei D. Sebastião da sua ilha encantada. – E o senhor D. Filipe nosso senhor *(tira o barrete)* rei de todas as Espanhas, e de todas as Índias, e de meia Alemanha, e de meia Itália, e de Sicília, e de Jerusalém. – E... tudo isso vai com o pó do gato, porque quatro pobretões de quatro fidalgos portugueses, com meia dúzia de taberneiros, juraram um dia á noite que havia de voltar el-rei D. Sebastião, ou não sei que outro rei tão real e verdadeiro como ele... Forte miséria!

CUSTÓDIO

Na miséria estamos nós, senhor, isso é verdade, só nos falta ser hereges, como os de Flandres, que menos são que nós, e não sofreram tanto. *(À parte)* Chucha!

RUI GALVÃO

Ah! tu queres ser herege; Custódio? Bonito!

CUSTÓDIO

Deus me defenda, senhor! Mas Deus Nosso Senhor, que foi pelos hereges flamengos, bem podia ser por estes pobres católicos portugueses.

RUI GALVÃO

Ta, te, ta. Já nós lá vamos! A coisa está mais...

CUSTÓDIO

Está, que se nos governassem bem, senhor, ninguém pensava em tais coisas, senhor Rui Gaivão. Mas estes vexames, estas violências!... Vossa senhoria bem sabe que eu, que sou criado fiel desta casa, que nasci dentro destas paredes, que aqui me passou a mocidade e aqui me colheu a velhice, tenho cá minhas ideias que não são como as de vossa senhoria. Mas primeiro que tudo está a lealdade a meu amo. Vossa senhoria não faz bem: este governo castelhano oprime muito o povo, e o povo português tem muitas saudades dos seus reis. Isto é que é a verdade; não há cá outros conspiradores. Quem conspira é o partido que nos vexa. Em havendo justiça em quem manda, já há obediência em quem serve. Isto de tudo para um e nada para o outro, este fazer escravos uns e senhores outros, é que pão pode ser.

RUI GALVÃO

Bravo, bravo, meu Custódio! Estás um estadista completo; hei-de-te arranjar votos para procurador em cortes: na primeira ocasião hás-de ir pelo braço... dos caturras. Sempre és muito pateta! Pois tu não vês o poder de el-rei D. Filipe nosso senhor, que em ele dando um aceno, cobre-se este cantinho de terra chamado Portugal, de mais homens armados do que caem gafanhotos nos campos de Andaluzia? Deixa-os falar, deixa-os andar. Está ali a forca para uns, e as torres para os outros. E então! Deixá-los ir, mais fica para nós. Conspirem, conspirem, meus amigos, que é o que nós queremos, nós os leais, que chupamos como tais. E viva o senhor D. Filipe! Grande soberano, munificentíssimo, prestantíssimo, omnipotentíssimo! Dá cá aquela pasta. – *(Custódio faz* o *que lhe manda; Rui tira um papel grande, e lê)* «Tal, tal, tal...» *(Com solenidade)* «É minha real vontade que para logo sejam recebidos por palavras de presente, havendo por desobrigado o dito tutor de dar mais contas de sua tutela, que havemos por boa e fiel, como de seus leais sentimentos é notório. Dado em Madrid tal, tal, tal. Yo el Rey». *(Beija* o *papel e* o *põe na cabeça)* Sereis obedecido, real senhor. Vossa Majestade é senhor, e manda. Custódio, hoje temos sarau em casa... Sarau! Não. São quatro amigos dos bons, dos verdadeiros. – Parentes, nada: isso é tudo dos tais... Fr. João de las Alpujarras, esse que entre logo; Luís Correia já se sabe, o irmão do senhor Secretário, gente da minha. Percebes? Agora Vilhenas, Ataídes, esses parentes degenerados...

CUSTÓDIO, à *parte:*

Degenerados, porque ficaram portugueses!

RUI GALVÃO

Disso nada; já não são meus parentes: renego-os à face do Céu e da Terra.

CUSTÓDIO, *à parte:*

De Cristo renegarás tu se te pagarem, perro!

RUI GALVÃO

Não os conheço: ouviste? *Datem* à *porta)* Oh, ai batem; vê se é algum dos nossos.

CUSTÓDIO, *vai ver e volta:*

É aquele homem de... o senhor Barnabé Fulgêncio... *(sorrindo)* aquele que merenda sempre seja a que hora for.

RUI GALVÃO

Diz-lhe que não estou em casa. *(Depois de reflectir)* E dai, espera: não digas. Ele é muito de casa dos Vilhenas... quero saber o que por lá dizem destas coisas, e de... – Que entre.

CUSTÓDIO, *à parte:*

Pode entrar.

CENA IV

Barnabé, Rui Galvão, Custódio

RUI GALVÃO

Ora entre cá, Senhor Barnabé. Então como vai isso hoje?

BARNABÉ

Vive-se, vive-se, meu senhor. É tudo quanto a gente pode fazer, e custa. Tempos muito apertados, muito apertados Se houvesse uma dúzia de fidalgos como vossa senhoria em Lisboa, outro galo me cantara. Mas não há. Hoje depois da missa em S. Roque, chocolate com o padre prefeito dos estudos... e nada mais em todo o dia! Só umas empaditas em casa de D. Antão ao Rossio, e uma ou outra bagatela pelo dia adiante.... mas coisa de pouco luzimento...

RUI GALVÃO

Custódio, a merenda para o Senhor Barnabé.

BARNABÉ

Oh, meu fidalgo, por quem é...

RUI GALVÃO

Daqueles paios revolucionários do Alentejo, azeitonas leais de Sevilha, e uma boa garrafita de... do que te parecer: português ou castelhano, o *espírito* é o mesmo em toda a Península Ibérica... ah, ah, ah! *(Custódio sai).*

CENA V

Barnabé, Rui Galvão

BARNABÉ

Sempre galante, sempre o mesmo chiste, meu senhor! Eu dizia ontem na academia dos *Taciturnos falantes...*

RUI GALVÃO

Taciturnos falantes! Dessa academia não sabia eu.

BARNABÉ

É uma nova: começou ontem na cela do padre-mestre Aranha, em S. Domingos.

Disseram-se coisas divinas, sonetos de um conceito, romances de um pico! Logo lhe repetirei o que fez Manuel Teles a um cupido de coquilho: é a coisa mais galante! Havemos de encovar os *Gene*rosos e os *Singulares,* e todas as outras academias.

CENA VI

Rui Galvão, Barnabé, Custódio *voltando e mais dois Criados com a merenda que dispõem num bufete.*

BARNABÉ, *pondo-se à mesa e começando a comer:*

Mas ontem, dizia eu na nossa academia: «O fidalgo mais singular em ditos galantes é Rui Galvão». Perdoe, que assim se diz na ausência.

RUI GALVÃO

Oh Senhor Barnabé, essa é boa! não faça cerimónia.

BARNABÉ

Eu cerimónia, meu fidalgo! Detesto-a, abomino-a, conspurco-a. É uma expressão latina do Dr. Manuel Garrido que muito me agrada: conspurco-a! não lhe parece? A sua saúde, meu fidalgo! *(Bebe).*

RUI GALVÃO

Viva, Senhor Barnabé!

BARNABÉ

Oh Senhor Custódio, faz-me favor daquele prato. Tenho uma gana danada hoje. É que andei, andei!... Muito bom está este paio, estas azeitonas! Com isto me mate Deus! mas a tal olha podrida...

RUI GALVÃO

É um prato muito da casa dos Vilhenas, hem!

BARNABÉ

Ao contrário! É coisa de que não gostam. Isso de cozinha espanhola para eles...

RUI GALVÃO

Bem sei.

BARNABÉ

Pois não têm razão aqueles senhores: há coisas admiráveis na cozinha castelhana, desde o refrigerante gaspacho até... A sua saúde, meu fidalgo! *(Bebe).*

RUI GALVÃO

Viva, Senhor Barnabé! Com que então os Vilhenas, hem! guisados de Castela nada?... E o mesmo são os Almadas, e todos esses amigos por ai com quem vossa mercê anda, Senhor Barnabé.

BARNABÉ

Eu, meu senhor! Eu andar com eles! Nada, Eles é que andam comigo. – Quem? Barnabé Fulgêncio andar com gente que!... O que eu disse ainda agora da olha podrida foi brincadeira. A olha podrida! Eu adoro a olha podrida. É a mais perfeita, a mais sublime de todas as preparações culinárias. O que há na antiga ou na moderna cozinha que se lhe compare? Falar-me-ão nas cebolas do Egipto, no caldo negro dos Lacedemónios, nos rábanos assados de Fabrício ou no fricassé de ínguas de Lúculo? Desprezo todas essas banalidades, e sustento que a olha podrida é o manjar real dos deuses, a verdadeira ambrósia de que fala Homero ! ... Assim como... assim como este Carcavelos é o próprio Falerno de Xenofonte. *(Bebe)*.

RUI GALVÃO

De Xenofonte!

BARNABÉ

De Xenofonte ou de Horácio: também agora não farei disso uma questão académica. Mas é de qualquer desses grandes homens – que os grandes homens todos gostam muito da boa pinga.

RUI GALVÃO

Tem razão, senhor Barnabé, e faça-lhe justiça ao meu Falerno, não o poupe. Ora diga-me: e que dizem por lá destas coisas?... lá por casa dos Vilhenas... como tomam esta ida do Duque?

BARNABÉ

Pois o Duque vai?

RUI GALVÃO

Vai: não havia de ir!

BARNABÉ

Ah! o Duque vai? *(À parte)* Então estão eles perdidos. *(Alto)* Eu sempre lho disse.

RUI GALVÃO

O que disse o Senhor Barnabé?

BARNABÉ

Que não podia deixar de ser, que o senhor Duque de Bragança havia de ir para Madrid, que cá a menina por fim havia de casar com o irmão do senhor Secretário, e que D. Jerónimo não era senão uma criança. Não é verdade, Custódio, que ainda ontem lho disse a ele mesmo na sua cara, aqui, nesta casa?

RUI GALVÃO

Nesta casa! Como assim, Custódio?

CUSTÓDIO

Senhor?

RUI GALVÃO

Que quer isto dizer? Pois D. Jerónimo atreveu-se a pôr os pés aqui? Temos traidores dentro destas paredes, Custódio?

CUSTÓDIO

Se os há, não sou eu, senhor.

RUI GALVÃO

E quem senão tu, indigno, quem? – Barnabé! Senhor Barnabé Fulgêncio!...

BARNABÉ

Que manda, meu senhor?

RUI GALVÃO

Aqui, nesta casa, ontem viu vossa mercê a D. Jerónimo de Ataíde, o filho de D. Filipa?

BARNABÉ

Aqui?... Eu parece-me... talvez me eu enganasse...

RUI GALVÃO

Fale a verdade ou neste momento o faço caminhar para uma torre, como traidor. Fale: viu aqui a D. Jerónimo? Estava com minha sobrinha? Diga, ou...

BARNABÉ

Eu, senhor, eu... eu creio que o vi...

RUI GALVÃO

Aqui?

BARNABÉ

Aqui... foi: não posso negá-lo já agora. Mas peço-lhe que...

RUI GALVÃO

Basta. Custódio, agradeça à memória de meu irmão e à consideração que ainda quero ter com esses cabelos brancos não lhe dar outro castigo. Dentro de uma hora fora de minha casa.

CUSTÓDIO

Esta casa, Senhor Rui Galvão, é de minha ama e...

RUI GALVÃO

E nesta casa governo eu, e el-rei nosso senhor nesta terra, senhor Custódio. Dentro de uma hora, tenho dito. Esta noite minha sobrinha há-de ficar casada.

CENA VII

Custódio, Barnabé

CUSTÓDIO

Estamos-lhe muito agradecidos, Senhor Barnabé, minha ama e eu.

BARNABÉ

Oh Custódio, meu Custódio, um lapso fatal: *lapsus linguae!* Valha-me Deus! Mas Rui Galvão é um homem terrível! Jesus, que fui eu dizer! – Porém, Custódio meu, quem vos manda a vós, sendo *custos pecudis*?... – Olhai, eu não sei o que digo...

CUSTÓDIO

Não sabe, não; por isso nos deitou a perder.

BARNABÉ

A perder! Oh ingrato Custódio! Salvei-os. Salvei D. Leonor, salvei-te a ti próprio, desagradecido Custódio. Os Ataídes estão em terra, eles, e toda a sua aderência. O Duque parte para Madrid, a coisa não se faz, e portanto, é bem claro que...

CUSTÓDIO

A coisa... *(À parte)* Ai meus pecados, porque bocas anda isto já. *(Alto)* A coisa! O quê?... o casamento?

BARNABÉ

Não, esse faz-se e deve-se fazer: não ouviste? A outra coisa... aquela... *(Com ar misterioso)* E ainda bem que se não faz! Os Castelhanos têm muita força, e el-rei D. Filipe é adorado... Ora isso! O melhor dos príncipes, *delicias patriae.* O nosso Tito, o nosso Vespasiano! – Meu Custódio, é ter paciência, e deixar ir o mundo por onde ele quer ir. Eu vou-me preparar para voltar logo à boda desta noite. E deixai estar: eu valho alguma coisa com Rui Galvão; o negócio há-de-se compor, e ainda haveis de ficar mordomo. Hem, Senhor Custódio! A pechincha era boa, custava a largar. Pois não a haveis de largar: fica por minha conta.

CENA VIII

Custódio, *e logo* Leonor

CUSTÓDIO

Bobo miserável, infame egoísta! Aqui está a que se reduziram os Portugueses, em que se tornou essa gente tão nobre, tão valente! – Vamos! Veremos esta noite. Pode ser... E a minha rica menina! vou avisá-la do que se passa.

D. LEONOR, *saindo:*

Já sei tudo. Vai ter com D. Jerónimo, diz-lho. E diz-lhe que não receie, que eu estou resolvida a morrer portuguesa e. livre. Vai.

ACTO SEGUNDO

Sala antiga em casa de D. Filipa de Vilhena. – As paredes são adornadas de retratos grandes em corpo inteiro de guerreiros, donas, bispos, frades. A um lado um dossel com um bufete coberto, e uma cadeira de espaldar, como é estilo nas cosas dos grandes do reino. Debaixo do dossel pende uma grande moldura doirada, que em vez de painel tem um pano preto. – No fundo uma larga porta fechada, ou coberta com tapeçarias.

CENA I

D. FILIPA, *só. trabalhando na sua almofada de renda:*

E meus filhos, que não chegam! É tão tarde!... Jesus! faria eu bem em consentir nisto? Tão crianças, tão sem experiência... Jerónimo! Ai, Jerónimo principalmente... É mais velho, mas aquela cabeça... Meu Deus, que muito custa... *(Ouve-se dentro ruído)* Que é?... Ah, são eles. Meus ricos filhos! *(Corre para* o *lado da porta da entrada).*

CENA II

D. Jerónimo, D. Filipa

D. JERÓNIMO, *apressurado:*

Minha mãe!

D. FILIPA

Meu filho, meu filho, que é?... Que é de teu Irmão?

D. JERÓNIMO

Está bom. Tudo óptimo, tudo vai bem. Sossegue. Mas eu... Minha mãe, oiça...

D. FILIPA

Teu irmão onde está, onde o deixaste? E tu por que vens tão tarde? Filho, não sabes a impaciência em que eu *vivo?...* Diz-me...

D. JERÓNIMO

Meu irmão ficou em casa de António Teles com Fr. Luís da Cunha, com os Almadas, com toda aquela gente. Ai vem já. Eu vim adiante, porque...

D. FILIPA

Que tens tu? Estás tão inquieto... tão sobressaltado? Tu enganas-me, Jerónimo;

alguma coisa sucedeu. Diz a verdade. Descobriram-nos? Prenderam algum dos nossos? Houve traição? Diz, diz a verdade; quero saber, quero antes saber a verdade do que isto...

D. JERÓNIMO

A verdade, minha mãe, é que tudo vai bem, às mil maravilhas. Estamos certos, certos de acabar esta noite com os Castelhanos, e com o Vasconcelos, o mais maldito e esconjurado deles todos... Dou-lhe a minha palavra, sossegue. Agora ali em casa dos Almadas se acabou de ver e decidir tudo. Está tudo, tudo pronto. João Pinto Ribeiro fez uma fala, oh! que fala. Minha mãe, ele não é fidalgo, mas sempre é um homem!

D. FILIPA

Fidalguia ou nobreza não está no sangue, meu filho, está na criação, está nos sentimentos da alma. O que está no sangue é a obrigação de ser nobre. Quando se diz de um homem, de uma família que é muito nobre, muito ilustre, quer dizer: que tem obrigação de o ser. E tanto maior é a obrigação, quanto é mais honrada a fama daqueles de quem vimos.

D. JERÓNIMO

Assim diz o João Pinto; e o outro dia saltou com aquele pateta do D. Abade, e disse-lhe – que foi bonita palavra! – «Tem razão, senhor D. Abade; a minha nobreza é o menos antiga que é possível: começa justamente agora em mim quando acabou em Vossa Senhoria».

D. FILIPA

Assim é, filho. Mas não se desavenham eles com essas coisas.

D. JERÓNIMO

Nada, nada, não tem perigo.

D. FILIPA

E da ida do Vasconcelos a Setúbal, que dizem?...

D. JERÓNIMO

Ele foi... foi para mandar vir tropas do Alentejo. Mas não chega a tempo.

D. FILIPA

E o Duque?

D. JERÓNIMO

O Duque fingiu que se punha a caminho para Madrid, e que queria obedecer ao

chamamento de el-rei Filipe; mas não parte e está de acordo. – Não há dúvida, minha mãe. Olhe: Jorge de Meio, Estêvão da Cunha, António de Meio e Castro são bastantes, com a sua gente, para segurar as tropas castelhanas; Miguel de Almeida, a guarda alemã do paço...

D. FILIPA

E então é?...

D. JERÓNIMO

Esta madrugada; – ao romper de alva tudo há-de estar acabado.

D. FILIPA

Oh meu Deus!

D. JERÓNIMO

Cada um de nós tem os seus lugares assinalados. Oh que dia, que dia amanhã, querida mãe!

D. FILIPA

Ai meu filho! mas que noite esta! Deus te abençoe, meu filho... *(Abraçam-se; D. Filipa esconde algumas lágrimas involuntárias que lhe arrasam* os *olhos).*

D. JERÓNIMO

Minha mãe...

D. FILIPA

Meu filho...

D. JERÓNIMO

Se eu...

D. FILIPA

Se tu quê, filho?

D. JERÓNIMO

Se eu não chegasse a ver... o nosso triunfo...

D. FILIPA, *com resolução:*

Também eu o não vejo... *(Com resignação e com lágrimas na voz)* Bem do coração vos ofereço, filhos... no altar da pátria; mas se há um que caia no sacrifício...

não lhe sobrevivo eu... não, não decerto...

D. JERÓNIMO

Não diga tal, minha mãe. Mas se for eu, se Deus tiver disposto da minha vida... Oh mãe, bem sabe o que eu cá deixo... Minha prima

D. FILIPA, *com ternura e como quem dê a sua palavra:*

Há-de ser minha filha... sim... sim... Não falemos nisso.

D. JERÓNIMO

Falemos antes, minha mãe. Sabe o perigo em que ela está? sabe que mau parente que é o tio, o tutor, que é um tirano, que tem jurado perdê-la?...

D. FILIPA

Sei, mas não há-de ser assim, filho. Deus há-de permitir que vençamos, e que tu vivas. Oh eu tenho confiança, tenho fé, meu filho... Pensemos só nisto e ânimo! – Eu vou cuidar do que aqui é mais necessário. São horas. Não podem tardar os nossos amigos... Não é assim?

D. JERÓNIMO

Hão-de estar a chegar.

D. FILIPA

Bem. Oh lá! *(Bate as palmas, e entram criados)* Acendam as luzes todas... na capela também. Já venho, meu filho.

CENA III

D. Jerónimo, criados

D. JERÓNIMO

Minha querida mãe!

CRIADO, *entrando com luzes:*

Senhor D. Jerónimo, um criado, que não quis dizer o seu nome (mas é cara conhecida) que lhe quer falar com muita pressa...

D. JERÓNIMO

Eu vou.

CENA IV

Custódio, D. Jerónimo *e* ditos

CUSTÓDIO, *entrando:*

Vou entrando, que não há tempo a perder. Senhor D. Jerónimo...

D. JERÓNIMO

Custódio, tu aqui! que é, que novidade?... que sucedeu? – Retirem-se. *(Aos criados, que se vão).*

CUSTÓDIO

Despediu-me o senhor Rui Galvão, expulsou-me de casa.

D. JERÓNIMO

Tens esta: fica, enquanto eu viver ou minha mãe...

CUSTÓDIO

Disso estou eu certo. Oh sim! – Mas não é isso.

D. JERÓNIMO

Então o que é?

CUSTÓDIO

A minha rica menina, sua prima D. Leonor...

D. JERÓNIMO

Que é? diz.

CUSTÓDIO

Esta noite, a querem...

D. JERÓNIMO

A querem o quê?... Esta noite... *(Sorrindo)* hão-de eles...

CUSTÓDIO

Hão-de casá-la por força. – Já lá está padre... Padre! Eu sei cá, algum cismático! Um maldito excomungado dum frade castelhano! ... E padre, e capela pronta, e o noivo

não tardará. – E esta noite a casam, oh, sem remédio... pobre menina!

D. JERÓNIMO, *perturbado:*

Casam-na esta noite, dizes tu?... sim, sim... com quem?

CUSTÓDIO

Com quem há-de ser! Com o irmão do Vasconcelos: pois então?...

D. JERÓNIMO, *inquieto:*

Maldito! *(Passeia pensativo; e depois com resolução)* Custódio, tu tens amor, tens amizade como de pai, a minha prima: não é assim?

CUSTÓDIO

Trouxe-a nestes braços, menino!

D. JERÓNIMO

Sabes que nos amámos desde o berço, que seu pai, teu amo, nos destinou um para o outro, que ela é já como minha mulher diante de Deus, que, por nos ver ambos crianças, o infame do tio zombou de nós, e para seus vis interesses me quer roubar a mim a esposa, e vender a sobrinha aos renegados a quem já vendeu a alma?

CUSTÓDIO

Tudo assim é. Mas que lhe havemos de nós fazer agora?

D. JERÓNIMO

Havemos de salvá-la.

CUSTÓDIO

Como, quando, se esta noite, – daqui, eu sei!... daqui a três, quatro horas, estará casada?

D. JERÓNIMO

Daqui a três horas?

CUSTÓDIO

Para o romper da manhã é que estão dadas as ordens todas. Não sei se tardará tanto. Isto são...

D. JERÓNIMO, *indo ao bastidor:*

São três horas da noite naquele relógio. Amanhece as...

CUSTÓDIO

Às cinco e meia é quase dia, daqui a duas, três horas, o mais tardar.

D. JERÓNIMO

Antes disso. Daqui a uma hora, hei-de eu... Vai para casa.

CUSTÓDIO

Para que casa, senhor?

D. JERÓNIMO

Para casa de Leonor. Diz-lhe que...

CUSTÓDIO

O quê, senhor!... Não lhe disse?...

D. JERÓNIMO

É verdade, que te despediram. Bem sei. Não importa. Os outros criados conhecem-te, e têm-te respeito. Vai, introduz-te em casa, e abrir-me-ás a porta do jardim. Daqui a uma hora, lá estou.

CUSTÓDIO, *ofendido:*

Menino!...

D. JERÓNIMO

Não há outro modo. É ali defronte: eu num instante me avio daqui, e estou lá... às quatro.

CUSTÓDIO

Lá aonde, senhor? Entrar em casa ocultamente de noite! Pôr em risco a honra de sua prima, difamá-la!...

D. JERÓNIMO

Olha, Custódio, eu sou uma criança, mas adivinha-me o coração que Deus me deu, que em lances apertados, como este, não se atende a essas coisas. Só eu a posso salvar, só tu me podes ajudar. Vai, se lhe tens amor, se te lembras de teu amo e do que prometeste, vai, vai já. E se não...

CUSTÓDIO

Vou, senhor, tem razão. Mas...

D. JERÓNIMO

Ouve. *(Fala-lhe ao ouvido)* E então agora, ainda tens escrúpulos?

CUSTÓDIO, *doido de alegria:*

Nenhum. – Esta noite, ao mesmo tempo?

D. JERÓNIMO, *com entusiasmo:*

Sim. Ambas ao mesmo tempo, a esposa e a pátria.

CUSTÓDIO, *caiado de joelhos:*

Quero beijar estes pés! Deixe-me.

D. JERÓNIMO, *levantando-o*

Um abraço do coração, aqui, no meu peito. *(Abraçando-o)* Meu Custódio!

CUSTÓDIO

Senhor D. Jerónimo!

D. JERÓNIMO

Adeus. – Vai-te. *(Vai-se Custódio, depois de olhar muitas vezes com entusiasmo e ternura para D. Jerónimo).*

CENA V

D. Jerónimo, *só, pensativo, alguns instantes*

Oh! meu Deus, meu Deus, a tua mão está sobre nós! Como eu cresci, como eu me achei homem de repente! Ontem era uma criança, hoje sinto em mim, sinto neste corpo, nesta alma como um ser novo e de homem feito às grandes coisas, e capaz delas. É um milagre teu, oh meu Deus! são as orações de minha mãe. O espirito de meu pai desceu do Céu e veio unir-se ao meu, trazer-lhe toda a força e virtude que faleciam numa criança chamada pela divina Providência a tomar parte em tamanhas acções. Oh! que havemos de vencer! Quem não vencerá com tal auxílio! – Minha Leonor, minha mãe, como eu as hei-de abraçar! E eu a dizer: «Então Jerónimo é uma criança, hem! Não pode com a espada do pai?» Oh! meu Deus! – Ah! eles ai vêm todos... minha mãe, e todos eles!...

CENA VI

D. Francisco *que vem abraçar a* D. Jeróninio, D. Filipa, Damas, Cavalheiros, Cidadãos *e* Homens do Povo, Pajem, *etc. – Correm-se as cortinas do fundo, vê-se um altar* com *luzes. Sobre o altar espadas, a um lado peças de armadura, etc.*

D. FILIPA

Meus amigos e meus parentes, eu sou uma pobre viúva a quem Deus privou de toda a força e amparo neste mundo. E sou mãe, e tenho estes filhos, tão tenros ainda, que proteger; e a memória e o nome de meu marido que honrar. Mas Deus, que *me* deixou a fé para crer, e a esperança para confiar nele, que me deixou este coração de mulher portuguesa aqui no peito, não me há-de faltar com outro amparo e fortaleza que não é deste mundo, e vale mais, e pode mais. Não se dirá que uma Vilhena faltou aos encargos de honra que lhe impunha o nome dos Ataídes a quem está ligada, e que a prematura morte de seu marido lhe deixou sobre os ombros. A pátria precisa de todos. Sacrifiquemos todos, tudo. Eu dou mais do que ninguém. Aqui estão os meus filhos. Não tenho mais nada... *(Levan*ta-se *e* toma os filhos *pela* mão) – Meus filhos! *(Abraça-os)* ajoelhai. Aqui estão no altar de Deus e da Pátria... vitimas inocentes e puras! Aceitai-as, meu Deus!... e dai-nos a vitória!... Vão banhadas com algumas lágrimas, que se não podem conter no coração... Perdoai-mas, Senhor. Sou mãe, e estes são os meus filhos... *(Pega na espada que está sobre o altar, e volta-se para* o *ajuntamento)* Senhores, e uma espada na mão de uma mulher que mal pode com ela. Mas amparam-me estes retratos que me estão vendo; e aquela Cruz, de onde nos está abençoando o autor de toda a força, o dispensador de todo o poder, anima o braço e o coração da fraca mulher. – Ajoelhai, meus filhos. Vossos avós foram armados cavaleiros nos campos de batalha por braços de reis, com as espadas de grandes capitães. Vós, criancinhas, *(tremendo-lhe a voz com choro)* é vossa mãe que ainda ontem vos acalentava, vossa mãe que lhe treme o braço, que lhe rebenta o choro dos olhos, que aqui está sustida de uma força sobrenatural que ela mesma não compreende... Arma-vos vossa mãe, filhos, e sereis tão bons cavaleiros como os que vos precederam, porque eu tenho fé, *(com força)* porque chamo por Deus em cujo nome vos dou estas armas, e vos digo: – D. Jerónimo de Ataíde, D. Francisco Coutinho, em nome de Deus e de vossos avós, eu vos armo cavaleiros. Tomai esta espada, e não vos sirvais dela senão para defender a religião, a pátria, a liberdade do povo e os vossos legitimes reis. *(Dá-lhes com a espada no ombro; os pajens lhes calçam as esporas, e D. Filipe lhes cinge depois as espadas. A mãe abraça-os, dizendo com lágrimas na voz).* Abraçai-me, meus filhos.

D. JERÓNIMO

Esta espada!...

D. FILIPA

É a espada de teu pai, meu filho!... Mal podes com ela ainda. *(Revendo-se no filho).*

D. JERÓNIMO, *com o maior entusiasmo:*

A espada de meu pai!... Posso. *(Brandindo-a)* Vede se posso. Deus bem sabe que eu sou o mais velho dos Ataídes, que era preciso dar-lhe força mais cedo. – Tiranos da minha pátria, tremei. – Meus amigos, a vitória há-de ser nossa. Oh minha mãe, se eu voltar, hei-de vir digno desta espada.

D. FILIPA

Não façais caso das minhas lágrimas, filhos. – Vencei, vencei, e se a vossa glória não for deste mundo, oh! ir-nos-emos abraçar no Céu!

(D. Jerónimo e D. Francisco, tomando-se dos braços, e com as espadas na mão. vêm ajoelhar-se diante de D. Filipa, a quem beijam solenemente a mão. Levantam-se, ficam no meio da cena sempre abraçados e alçando as espadas).

D. JERÓNIMO

Meu irmão, já somos homens. Minha mãe, a nossa infância acabou: esta hora valeu por muitos anos de vida. Amigos, estas duas crianças a quem despiram quase as mantilhas para lhes vestir a armadura, os dois filhos de D. Filipa de Vilhena hão-de ficar na história de Portugal em memória e exemplo às idades futuras. Nós o juramos; oh! por vós, minha mãe, por vós, retratos de nossos antepassados que nos estais vendo, por esta espada de meus avós, por essa Cruz do Salvador, vivos ou mortos, os filhos de D. Filipa de Vilhena hão-de triunfar. – Ao romper de alva, meus amigos, ao romper de alva. Esta aurora traz liberdade, vamos encontrá-la.

TODOS

Vamos.

ACTO TERCEIRO

A mesma vista do primeiro acto

CENA I

Ninguém na antecena: pouca luz. Por uma porta, que está aberta, se vê uma mesa de banquete ricamente adereçada e alumiada; sentados à roda Rui Galvão, D. Leonor, Frei João, Barnabé, Luís Correia, *e os convidados em alegre conversação;* o Tabelião.

BARNABÉ, *dentro:*

A saúde dos preclaríssimos esposos e do ilustre tutor – e da tutela e mais da curatela!... E viva el-rei nosso senhor... el-rei D. Filipe ou el-rei D. João? Por que não hão-de viver ambos? O mundo é para todos! Paz e concórdia entre os príncipes cristãos. (Todos *no proscénio).*

RUI GALVÃO

Levem daqui esse homem, que está indecente, está embriagado...

(*Levantam-se todos: os criados querem levar Barnabé, que resiste*).

BARNABÉ

Estou perfeitamente bom. Deixem-me...

RUI GALVÃO

Vamos a este acto solene.

BARNABÉ

E augusto.

RUI GALVÃO

Cale-se, ou faço-o pôr no meio da rua.

LUÍS CORREIA, *a meia voz:*

É melhor aturá-lo aqui do que deixá-lo ir para a rua no estado em que ele está. Do modo que anda o povo, basta a voz de um louco, de um homem embriagado como esse, para fazer uma desordem.

RUI GALVÃO

Senhor tabelião, vamos às escrituras.

TABELIÃO, *pegando em papéis,* e *folheando:*

Já todos ouviram e aprovaram; só falta a Senhora D. Leonor, a quem vou dar conhecimento do acto...

D. LEONOR

Há-de estar perfeito, não preciso ver...

TABELIÃO

Então assina?

D. LEONOR

Não.

RUI GALVÃO

Leonor!

LUÍS CORREIA

Senhora...

D. LEONOR

Cortada tenha eu a mão com que tal assinar.

RUI GALVÃO

Quer assine, quer não, Leonor. O senhor Luís Correia já assinou as contas da tutela, que por ordem superior estão aprovadas e correntes. Não me importa que assine a escritura. A capela está pronta, as testemunhas aqui estão. Fr. Juanito, los nobios estan impacientes. Vamos!

(*Quer dar a mão a Leonor; todos se encaminham para os acompanhar*).

D. LEONOR

Deixe-me, meu tio. Já lhe declarei que não consentia neste casamento; á face de todos estes senhores que me ouvem, na presença de um que se diz ministro do altar, protesto solenemente que não quero, que não posso, que não hei-de consentir nunca em semelhante consórcio.

BARNABÉ, *à parte:*

Chucha! Que tal é a menina!

RUI GALVÃO

Minha querida sobrinha, o seu consentimento era uma formalidade agradável que nós desejávamos dar a este acto; mas engana-se se cuida que é essencial e indispensável para ele. As ordens de Sua Majestade suprem todos os defeitos canónicos. – Não é assim, padre Fr. João? – E a minha autoridade de tutor basta para o mais. – Meus senhores, para a capela. Leonor, a sua mão.

D. LEONOR

Meu tio, meu tio, repare bem na infâmia que quer fazer! Reflicta bem na vilania desse procedimento! Não sabe que... infelizmente, meu tio!... o meu sangue é o seu, e a sua família a minha? E com a sombra, com o fantasma de uma cerimónia vã de casamento, que é nulo, nulo, porque eu não consinto, não hei-de consentir nunca – quer entregar a sua sobrinha, a filha de seu irmão, à desonra, à infâmia, porque eu não quero ser, não hei-de ser jamais a mulher do senhor Luís Correia... E meu tio quer?... Senhores, e vós todos, que aqui estais presentes a este acto de vergonha e de opróbrio – vós consentireis que assim se violente, assim se desonre uma donzela nobre e honesta? Tendes ai espadas à cinta, sois cavaleiros, presumis de fidalgos, e não vos correis do vil papel de rufiões que estais fazendo? Muito é o poder da tirania, que assim acobardou e envileceu o generoso ânimo dos Portugueses!

(*Há um rumor entre os convidados, como de quem se consulta e hesita*).

RUI GALVÃO

Ora, pois, minha sobrinha é uma Donzela Teodora de descrição. Cautela, meus amigos, que nos não alucinem esses discursos tão bem falados! Parece que não há que responder àquilo... Não é assim... *(Sinal de assentimento em quase todos: Rui Galvão continua, arrastando as palavras)* Vejamos: tenho aqui um certo pergaminho que me chegou ontem de Madrid... *(Sinal de temor e submissão em todos)* e que é assinado *(Faz uma reverência)* Yo el Rey. Ora creio que este pergaminho...

CENA II

Ditos *e um* Criado, *entrando apressado*

CRIADO

Senhor, senhor... um porteiro a cavalo, que chega do paço, e vem a toda a pressa...

RUI GALVÃO

O quê?... Que é... Que traz?

CRIADO

Vem avisar a Vossa Senhoria, e ao senhor Luís Correia, e a todos os senhores, que sem mais detença corram logo, logo ao gabinete do senhor secretário.

RUI GALVÃO

Que será... Meu Deus!

LUÍS CORREIA

Partamos!

TODOS

Vamos! *(Vão-se todos),*

CENA III

D. Leonor, *e depois* Rui Galvão, *que volta*

D. LEONOR, à *parte:*

Santo Deus, se estará descoberta a...

RUI GALVÃO

Leonor, dá-me a sua palavra?...

D. LEONOR

Nenhuma palavra.

RUI GALVÃO

De que enquanto não volto, não há-de...

D. LEONOR

Não hei-de o quê?...

RUI GALVÃO

Fazer coisa ..... que... que... que lhe fique mal?

D. LEONOR

Precisa da minha palavra para isso? Faz-me vergonha deveras, meu tio.

RUI GALVÃO

Não é que eu duvide...

D. LEONOR

Vá, senhor, vá; e agradeça a Deus que lhe dá tempo para reflectir na sua cegueira. Vá, e... *(Como quem lhe sobreveio uma ideia repentina, que a enternece)* Meu tio, olhe o que faz... não se acabe de perder...

RUI GALVÃO

Que queres tu dizer, que significam essas palavras ditas de um modo?...

D. LEONOR, à *parte:*

Meu Deus! não posso, não devo dizer-lho... *(Alto)* Adeus, meu tio!

CENA IV

Rui Galvão, Barnabé *e* D. Leonor

RUI GALVÃO

Adeus!... Que mistério há aqui, Barnabé?

BARNABÉ, *saindo de dentro:*

Meu fidalgo...

RUI GALVÃO

Oiça. *(Fala-lhe ao ouvido).*

BARNABÉ

Vá descansado, que aqui fica um homem.

RUI GALVÃO

Sentido!

BARNABÉ

Cinco sentidos!

CENA V

Barnabé, D. Leonor

BARNABÉ

Cinco sentidos são eles. O primeiro é ver, que não vejo senão candeias às avessas. O segundo é ouvir, que tenho uma zoada nestes ouvidos, como se me estivessem a

emborcar um tonel de batoque destapado aqui pelas orelhas abaixo. Cheirar, cheirar é – pois não é o terceiro? –cheira-me tudo a... poh, poh! a camoesas do termo, O quarto... o quarto é apalpar; e eu apalpo, apalpo... bojos de garrafões... colos de... nédios colos de garça de botelhas... Pois está dito; não estou lá muito forte nos primeiros quatro. Mas o quinto, isso então... o quinto é gostar... oh, se gosto! *(Mascando)* gosto... *(Vai buscar uma garrafa á mesa)* Está apurado o gostar, tão apurado, que é mesmo... Senhora D. Leonor... viva vossa, vossa exce... excelência; é a Excelente Senhora mesmo ao próprio, que assim andou casa não casa, e por fim não casou nem teve casa, que é o que me parece que há-de suceder a vossa... A sua saúde, minha senhora!

D. LEONOR, *olhando para* ele *com desprezo:*

o guarda que me deixaram! Felizmente.

CENA VI

D. Leonor, Barnabé, Custódio, *entrando embuçado e devagar*

CUSTÓDIO

Saíram todos... ficou só este ridículo. Ainda bem! Senhora D. Leonor...

D. LEONOR, *sobressaltada:*

Quem é? Afaste-se. Não estou só. Barnabé?... miserável glutão!... levante-se. Não vê?...

BARNABÉ

Vejo, vejo tudo, mas faço que não vejo: pode continuar. Marotos de castelhanos! Pois que pensavam? Sou patriota, sim, senhor... Viva, viva... quem vencer!

CUSTÓDIO

Menina, deixe-o, deixe-o nesse letargo em que por fortuna o puseram.

D. LEONOR

Ai, és tu, Custódio? Ainda bem!... Como entraste, e a que vens?... Oh! acode-me, leva-me daqui; seja para onde for... Leva-me daqui, por alma de meu pai, Custódio! Oh, e diz-me: D. Jerónimo, D. Jerónimo, que é feito dele? Sabes que vieram agora chamar meu tio do paço a toda a pressa, e a todos os que aqui estavam, para me violentar ao infame casamento? Foram-se neste instante, deixaram-me respirar. Mas em que terrores fiquei! Não foi senão mudar a causa do susto; e não sei se é maior este. Descobririam eles... saberiam? Ai, meu Deus!...

CUSTÓDIO

Não sabem nada. Deus veia sobre nós.

D. LEONOR

Mas que chamamento seria este?

CUSTÓDIO

Estão desconfiados, e com medo: mas não sabem de quê. Têm determinado prender muita gente logo de manhã; e o chamamento é para concertar os modos e distribuir as ordens. Mas a manhã há-de nascer com outra cor diferente, se Deus quiser.

D. LEONOR

E D. Jerónimo, meu primo, sabe o aperto em que eu estou? E poderá valer-me a tempo?

CUSTÓDIO

Vamos a ver. *(Abre uma porta de lado e entra D. Jerónimo).*

CENA VII

D. Jerónimo *(armado),* D. Leonor, Custódio, Barnabé

D. JERÓNIMO

Querida prima!

D. LEONOR

Primo, primo! *(Abraçam-se).*

BARNABÉ

Que é lá isso! Vão-se-me dobrando os vultos... Por modo que já vejo três. E oiço, oiço também não sei quantos. Bem dizia eu: cinco sentidos, não pode ser; só de ver e ouvir, tenho eu mais da conta. Pois adeus! é que a erraram os padres da Companhia, que foi quem me ensinou a doutrina cristã. Não me importa cá com isso.

D. JERÓNIMO

Vamos! vem, vem comigo, Leonor: já, não percamos um instante; vem!

D. LEONOR

Que diz? Vamos! Para onde? Eu fugir de minha casa, da casa de meu pai!

D. JERÓNIMO

Não é a casa de teu pai, enquanto a devassaram traidores e rufiões. Já não tens pai nem casa, Leonor. Tens só mãe, que é a minha, a minha querida mãe, que será de ora em diante a tua. Vem.

D. LEONOR

Meu Deus, que lance este!

D. JERÓNIMO

Se hesitas mais um momento, estás perdida. Não tardam que não voltem, e...

CUSTÓDIO

Parece-me que já os sinto.

D. LEONOR

Também tu, Custódio!... também tu me aconselhas?

CUSTÓDIO

E por que não, menina? E sua tia, sua virtuosa tia; e esta casa é um covil de...

D. LEONOR

Tens razão. Mas para quando é a grande empresa?

D. JERÓNIMO

Daqui a minutos. Talvez não falte meia hora. Vamos!

D. LEONOR

E se Deus não abençoar as nossas armas, se os traidores vencerem, já previste, Jerónimo, o que este passo vai trazer sobre ti, sobre a tua família? Oh, que me aterra esta ideia! Se eles vencerem, a casa onde eu me refugiei, tua mãe que me deu asilo...

D. JERÓNIMO

Leonor, Leonor! minha mãe está disposta e resolvida a tudo. Minha pobre mãe, que teve ânimo para sacrificar seus filhos, que por sua mão nos armou ainda agora, e nos mandou a vencer ou a morrer... que lhe importa minha mãe com mais esse comprometimento! Oh!.... se nós sucumbirmos. Leonor, que importará?... Mas não havemos de sucumbir... Deus é por nós, tudo por nós. Vamos, Leonor... Vou-te entregar a minha mãe, e corro a unir-me aos meus camaradas. Os instantes fogem, vamos!

D. LEONOR

É assim. Também eu tenho fé: Deus está connosco; vamos, D. Jerónimo.

BARNABÉ

Vamos, D. Jerónimo! Isso agora já é sério. Alto lá! daqui ninguém passa.

(*Levanta-se com uma garrafa na mão, que brande como se fora uma espada*).

D. JERÓNIMO

Arreda, sevandija.

(*Dá-lhe com o pé: cai Barnabé. que se agarra às pernas de D. Jerónimo. o qual se esforça para o sacudir de si. Ouve-se nisto ruído de gente que entra*).

CUSTÓDIO

Estamos perdidos.

D. LEONOR

Os criados talvez, que despertaram!

CUSTÓDIO

Dos criados estou eu seguro; todos nos ajudam. Mas este ruído é de...

D. LEONOR

São os passos de meu tio. Salva-te, D. Jerónimo.

CENA VIII

Ditos, Rui Galvão, *e logo muita gente que o acompanha*

RUI GALVÃO, *com a espada na mão:*

Vil sedutor, morre!

CUSTÓDIO, *atravessando-se no meio e* segurando-lhe *o* braço:

Salve-se, D. Jerónimo; fuja.

D. LEONOR

Foge.

D. JERÓNIMO, *desembainhando* a *espada:*

Fugir de quê? A mim, traidor; a mim, infame renegado!

D. LEONOR. *metendo-se em meio:*

Meu tio, meu primo, por Deus! Primo, fuja...

CUSTÓDIO

Senhor! *(Ouvem-se os sinos tocar de repente a rebate. – Custódio continua).* Senhor D. Jerónimo, pela sua honra, pelo seu nome, por sua mãe, senhor, saia daqui, vá com essa espada para onde há glória que ganhar com ela... vá, por Deus, vá!

D. JERÓNIMO

Tens razão, vou. – Prima, adeus! Senhor Rui Galvão, até já... Leonor, Leonor!...

CUSTÓDIO

Por aquela porta, por ali... A escada particular, a porta que dá para o beco está aberta. Corra!

CENA IX

Rui Galvão, Custódio, Barnabé, *etc.*

RUI GALVÃO

Será sonho isto? Custódio aqui!... Leonor, esta é a sua palavra? – Onde foi aquele atrevido criançola? Que significa esta traição toda?... E estes sinos! *(Ouve-se tocar a rebate).*

D. LEONOR

Significa... meu Deus! *(Ouvem-se tiros de mosquetaria).* Quer dizer, – meu tio, meu tio, caia em si!... quer dizer que Portugal é Portugal outra vez, que acabou o reinado da tirania.

RUI GALVÃO

Ah!... desgraçados!... *(A alguns soldados que entram)* Prendam esta gente á ordem de Sua Alteza, a Duquesa regente, prendam estes traidores!... Miseráveis conspiradores que assim...

CENA X

Luís Correia *e* ditos; Povo, *de fora*

LUÍS CORREIA

Está tudo perdido: fuja, ponha-se a salvo. O paço foi assaltado pelos conjurados. D. Miguel de Almeida, – o traidor! chegou à janela com a espada numa mão, e a bandeira de Portugal na outra, gritando. «Viva o duque de Bragança!»

BARNABÉ, *levantando a voz:*

Viva o duque de Bragança!

CRIADOS, *acudindo:*

Viva o duque de Bragança!

RUI GALVÃO

Vil canalha!

LUÍS CORREIA

Vil canalha será... é... mas assim lhe respondeu o povo todo...

POVO, *de fora:*

Viva o duque de Bragança, viva a nossa liberdade, viva o senhor D. João IV!

LUÍS CORREIA

Ouve? Fujamos. O povo anda levantado, esta casa há-de ser das primeiras assaltadas. Fujamos!

RUI GALVÃO

E o castelo? *(Ouve-se uma salva de artilharia).*

D. LEONOR

Ele que lhe responde, meu tio, com as suas vozes de alegria.

RUI GALVÃO, *desvairado de todo:*

Estamos perdidos!

POVO, *de fora:*

Morreu, morreu! Viva, viva!

D. LEONOR, *chegando à janela:*

Meu Deus, quem seria! Quem morreu, quem morreu, meus amigos?

UM DO POVO

O traidor-mor, Miguel de Vasconcelos, o secretário!

D. LEONOR

Quem o matou?

UM DO POVO

Matou-o quem o devia matar, nós todos.

POVO

Nós todos! Viva! Matámo-lo nós. Viva!

RUI GALVÃO

Não há dúvida, estamos perdidos.

D. LEONOR, *da janela:*

Dos nossos quem morreu?

UM DO POVO

Sois castelhana, ou portuguesa?

OUTRO DO POVO

É a sobrinha do Galvão, de Rui Galvão.

POVO

Morra o traidor! morra Rui Galvão!

D. LEONOR

Sou filha de Pedro Guterres, sou a esposa de D. Jerónimo de Ataíde!

POVO

Viva D. Jerónimo de Ataíde!

UM DO POVO

Que é dos nossos... e um fidalgo português às direitas!

POVO

Vivam os Ataides, vivam os Vilhenas, vivam os portugueses leais! Morram os

traidores!

CENA XI

Ditos, D. Filipa *e* D. Jerónimo, *de fora*

D. FILIPA

Minha sobrinha, minha filha... abracemo-nos, filha!

POVO, *de fora:*

Morram os traidores!

D. FILIPA, *indo à janela:*

Aqui não há traidores... só se for eu. Eu, Dona Filipa de Vilhena, que por minha mão armei os meus filhos para os mandar morrer por vós.

POVO

Viva D. Filipa de Vilhena!

UM DO POVO

Viva D. Jerónimo de Ataíde!

POVO

Viva!

D. JERÓNIMO, de *fora:*

Viva a pátria, meus amigos, viva o duque de Bragança, viva o nosso rei D. João IV, viva a nossa liberdade! Leonor, Leonor! Minha mãe!

D. LEONOR. abraçando-se com *D. Filipe* e *falando da janela:*

Oh, minha mãe! É ele, está vivo, está vivo! Não posso resistir a esta alegria. *(Entra e senta-se).*

CENA XII

Ditos *e* D. Jerónimo *entrando, seguidos de cavalheiros e homens armados*

D. JERÓNIMO

Minha mãe, minha querida mãe! *(Cai de joelhos diante da mãe, beijando-lhe a*

mão).

D. FILIPA, *depois de* o *abraçar e beijar, toma a mão de D. Leonor* e *lha dá a beijar:*

E esta mão não se beija, D. Jerónimo?

D. JERÓNIMO

Oh, minha mãe! Oh, Leonor!

BARNABÉ, *que aparece armado de uma farruncha velha, põe-se de sentinela a Rui Galeão e faz continência a D. Jerónimo:*

Meu capitão, meu general, meu mestre-de-campo! que ordenais destes prisioneiros?

RUI GALVÃO

Faltava este derradeiro coice do asno.

D. JERÓNIMO

Arreda-te, sevandija. Aqui está o patriotismo e o valor de tanta gente que eu conheço... Depois do perigo... é isto que se vê. – Meus senhores, os inimigos acabaram – estão vencidos. Descansai, em minha casa tereis asilo seguro enquanto *o* povo alvorotado não pode compreender que a generosidade depois da vitória é a maior prova da justiça da causa que venceu. Mas o povo português é naturalmente generoso e leal; na febre do seu entusiasmo, podem iludi-lo os falsos aduladores que para seus fins o excitam, mas o delírio não dura. Resignai-vos, e obedecei à vontade da nação, que é a de Deus, porque é justa e é forte.

POVO, *de fora:*

Viva D. João IV! Viva a nossa liberdade!

D. JERÓNIMO

Minha mãe! Minha Leonor! Senhores, ouvis estes bravos? Vedes como andam juntos na boca e no coração dos Portugueses o amor do seu rei e da sua liberdade? não se encontra um sem o outro, um se aumenta com o outro. Meus amigos, viva a casa de Bragança que nos traz os nossos reis naturais, e que nos restitui a santa monarquia de Ourique, em que *o* povo sempre há-de amar os seus reis, porque os seus reis hão-de sempre amar a liberdade. E senão...

TODOS

Senão, não.

D. JERÓNIMO

Senão, não. Viva a casa de Bragança! Viva a nossa liberdade!

TODOS

Viva!

****

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

http://www.ipn.pt/literatura

****